

Pequena reflexão sobre a Biblioterapia

Diego Monsani¹
Gladir da Silva Cabral²

Certa vez Michael Ende escreveu sobre um personagem que amava livros. Seu amor era tão grande, que ele buscava refúgio em meio às suas páginas; buscava escapar do *bullying* que sofria na escola, da solidão que aguardava em sua casa e do luto por sua mãe perdida. Nesse processo Bastian, este era seu nome, acaba por entrar na história que lia e participa de seus feitos, porém percebe que seus problemas não ficaram do outro lado, ele precisa enfrentá-los e, através das narrativas que vive, aprender a superar e a lidar com diversas questões que carregava.

A história sem fim é um dos livros que defende a leitura como um processo com potencial de cura para as aflições. Ao longo da história, diversas vezes é ressaltada essa afirmação no contexto de que visitar Fantasia, o universo mágico contido no livro, foi o que permitiu ao personagem ter um melhor entendimento de si, e o autor guarda um segredo de Bastian até as últimas páginas. Supostamente, visita-se Fantasia apenas uma vez na vida, porém nas páginas finais um livreiro revela a Bastian que: “Há muitas portas para Fantasia, meu rapaz. Há muitos outros livros mágicos. Muitas pessoas nunca percebem isso. Tudo depende da pessoa em cujas mãos o livro vai parar” (Ende, 2000, p. 391). Esta afirmação se conecta diretamente às cinco leis de Ranganathan (2009) para a Biblioteconomia, sendo elas: 1^a lei - os livros são para usar; 2^a lei - os livros são para todos; 3^a lei - para cada leitor seu livro; 4^a lei - poupe o tempo do leitor e 5^a lei - a biblioteca é um organismo em crescimento. Ou seja, os livros são para todos os leitores e, quando ocorre o encontro entre o livro e o leitor correto, atinge-se o potencial máximo para que haja margem para um processo terapêutico na leitura.

Essa ideia não é nova, alguns autores remetem ao fato de que supostamente os egípcios teriam a frase “remédio para a alma” fixada na fronte de suas bibliotecas,

¹ Doutorando em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. Bibliotecário do Instituto Federal Catarinense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8809-5088>. E-mail: diego.monsani@ifc.edu.br.

² Doutor em Inglês: Estudos Linguísticos e literários pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9695-9504>. Email: gla@unesp.net.



lembrando que nesse período a coleção de textos normalmente era armazenada em templos focados no fomento do conhecimento e da espiritualidade (Caldin, 2000; Duarte, 2023). Ao longo dos séculos, tivemos mais de uma aproximação entre os textos literários e um processo de cura ou terapia, porém em meados do século XIX o termo biblioterapia passa a ser utilizado para essa prática e também ocorre uma certa sistematização, e os textos começam a ser utilizados como uma das abordagens do processo terapêutico e não apenas para sanar as necessidades informacionais de doentes ou como coadjuvante no processo de recuperação de um paciente (Duarte; Vianna; Caldin, 2018).

Michèle Petit, ao longo de seus estudos, de forma contumaz faz a defesa da leitura de literatura como algo que auxilia o leitor a lidar com suas emoções, principalmente quando travadas em locais de adversidade. Elas constroem um ambiente de acolhimento para o leitor e muitas vezes permitem, através da socialização promovida pela leitura, que muitos encontrem sua voz. Petit (2020, p. 292) ressalta, ainda, que a “literatura não é uma experiência separada da vida”, reafirmando quase em eco a famosa frase de Paulo Freire, que ela possui um devir potencial no desenvolvimento cognitivo e emocional do leitor.

Para os fins deste ensaio, biblioterapia pode ser entendida conforme define Caldin (2001, p. 14):

[...] a possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários. Contempla, não apenas a leitura de histórias, mas também os comentários adicionais a ela e propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto. Assim, o sujeito, ao exercer sua liberdade de interpretar, cria sentidos ao lido. Também se pode dizer que as palavras não são neutras e, portanto, a linguagem metafórica tem a capacidade de conduzir o sujeito para além de si mesmo, é transcendental.

Aqui cabe fazer algumas pequenas ressalvas, Michèle Petit (2020) aponta que muitas vezes a literatura terá um poder terapêutico discreto, mesmo que não seja a intenção no momento da leitura e que esse processo também leva um certo tempo para ser atingido quando em contexto de biblioterapia. Isso, aliado à definição de Caldin, nos salienta que o processo terapêutico não ocorre apenas com a leitura, mas também com os fatores aliados a ela, como a mediação do texto, as distintas interpretações, o diálogo do grupo e o espaço seguro para compartilhar. E sobretudo,

quando se fala em processo de cura³ em biblioterapia, não se refere à eliminação de doença e, sim, à mediação e pacificação das emoções através do processo terapêutico da leitura (Caldin, 2001). E como a prática pode ter diferentes finalidades, coloca-se uma distinção entre biblioterapia clínica, aquela travada entre um profissional do sofrimento psíquico e seu paciente, e a biblioterapia de fruição ou de desenvolvimento, normalmente realizada em grupo, com um ou mais mediadores sendo eles psicólogos, bibliotecários entre outros e em diferentes contextos, sendo eles educacionais, prisionais ou de vulnerabilidade social (Seixas, 2019).

Para Ouaknin (1996), a biblioterapia é possível, pois o ser humano não possui sua identidade formada e estanque, ele elabora sua identidade em movimento, ela é dinâmica, ela é construída e reconstruída conforme o sujeito se apropria de exemplos e características. Sendo a literatura uma dessas fontes de inspiração e transformação, ela permite que o leitor se identifique com situações, dilemas e intrigas contidas nos textos e se aproprie para construção pessoal. Os textos abrem possibilidades de construção de si, pois apenas pode ocorrer a mudança ou negação dessa mudança, se o sujeito se torna consciente dessas possibilidades. Apesar de não afirmar isso em um contexto de biblioterapia, Jorge Larrosa (2007, p. 129) também acredita que as narrativas possuem a capacidade de abalar as estruturas do sujeito e o colocar em questionamento de si:

Pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não só com o que o leitor sabe, mas também com aquilo que ele é. Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma) como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos.

Para esses autores, a leitura só ocorre quando ela é feita de forma ativa, e assim provoca uma resposta no âmago do leitor, caso contrário ela não passou de uma simples decodificação. Para Ouaknin (1996, p. 192), “o conjunto de regras de interpretação que propõe a biblioterapia, por exemplo, são as regras da intervenção, de cooperação textual, que permitem ao leitor gerar outros livros, ao infinito”. O leitor tem a liberdade para atribuir significados e valores àquilo que leu, ou seja, quando ocorre a leitura efetiva do texto, um novo texto se forma no interior do leitor, onde

³ Como bem disse o prof.º Gladir da Silva Cabral durante um dos encontros da disciplina Educação, biblioterapia e formação humana: “Utilizamos a palavra cura em português, porém se recorrermos ao inglês, veremos que o processo terapêutico da leitura é da dimensão do *healing* e não de *cure*.

estão combinadas a explicação do texto e a da compreensão subjetiva construída pelo leitor. Ou, como bem disse Borges (2008, p. 151, tradução nossa): “Às vezes pelas tardes certo rosto contempla-nos do fundo de um espelho; a arte deve ser como esse espelho que nos revela nosso próprio rosto”⁴. A biblioterapia busca esse momento de encontro entre o texto e o sujeito, o qual é abalado e se encontra ou vai ao encontro do Outro dentro do texto, e por ser algo extremamente subjetivo, o mesmo texto tem potencial de armazenar diversas interpretações, por isso o fator compartilhamento é essencial para a biblioterapia. Ao dividir com o grupo sua interpretação, abre-se margem para que sentimentos e emoções sejam dialogados e pacificados no processo, surgem diferentes interpretações e que muitas vezes são opostas, mas que permitem aos sujeitos terem distintos pontos de vista sobre os assuntos. Não existe interpretação mais ou menos correta em um encontro de biblioterapia, é um processo de compartilhamento que permite, através do texto, fomentar a empatia nos sujeitos, como afirma Antonio Candido (2023, p. 196): “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” .

O mediador de biblioterapia não é um crítico literário e muito menos um juiz, ele é o responsável por conduzir o encontro estimulando a troca das interpretações bem como mobilizando os afetos dos participantes. Seixas (2019) lembra que ele é o responsável por fomentar os diálogos, reflexões e releituras levantadas pelo grupo, permitindo que todos os participantes sejam tocados por aquilo que leram e discutiram em grupo. Um de seus objetivos é certificar-se de que todos os participantes possam atingir um dos componentes biblioterapêuticos listados por Caldin. Segundo a autora, esse processo também é subjetivo, não sendo necessário que todos atinjam os mesmos componentes ou mesmo que os façam em alguma ordem determinada.

Ao realizar o diálogo e externalizar sua interpretação do texto para os demais, muitas vezes os participantes passam por um processo de identificação, com as situações, com os personagens ou com os cenários dos textos lidos. Conforme Caldin (2001), isso é importante para que o leitor possa se apropriar do texto e muitas vezes também realizar a introjeção e projeção de si na narrativa, pois em determinados

⁴ A veces en las tarde una cara nos mira desde el fondo de um espejo; el arte debe ser como esse espejo; el arte debe ser como esse espejo.

textos os participantes podem se ver nas ocasiões e projetar sua vivência durante o diálogo com os demais naquilo que foi lido, sendo esse momento chave para o equilíbrio emocional, pois ao projetar sua experiência o sujeito passa por um momento de afastamento de si, permitindo reorganizar seus sentimentos e pensamentos ao refletir. Outro componente associado à identificação seria a introjeção, quando conforme Caldin (2001) ocorreria o processo inverso, com o participante fazendo passar de 'fora' para 'dentro' qualidades e atitudes encontradas no texto. Segundo Petit (2020), a leitura muitas vezes faz surgirem palavras no leitor, fecunda-o. Inspirado pelo texto, o leitor é capaz de encontrar dentro de si a força para sua voz e seu próprio texto.

O encontro biblioterapêutico ainda permite outros dois componentes. O primeiro seria a catarse, que para Caldin (2001) seria uma purificação das emoções através do texto, sendo ela alcançada através do choro ou do riso que poderiam ser externalizados através do texto literário. O segundo componente seria a introspecção, o momento em que o participante analisa seus pensamentos e atitudes com o intuito de mudança de comportamento ou, então, de uma aceitação de si e de tolerância com o outro (Caldin, 2009). A introspecção permite que o texto viva para além do encontro, pois o sujeito irá carregar sua reflexão conforme sua subjetividade para o seu cotidiano, questionando as atitudes de determinado personagem se ele age similar ou não a ele, podendo então executar (ou não) uma mudança de comportamento em si.

De forma breve, esses são os componentes biblioterapêuticos que podem ser alcançados durante um encontro, conforme a disponibilidade e confiança dos participantes em se entregarem para a atividade em grupo. De acordo com Seixas (2019), para facilitar esse processo, cabe ao mediador escolher as melhores estratégias e realizar uma curadoria de textos que permitam margem suficiente para que os participantes preencham e existam dentro da narrativa, completando-a e construindo seu próprio texto.

Um possível exemplo de texto para uma abordagem biblioterapêutica seria qualquer um dos textos contidos no livro *Velhos*, de Alê Motta, porém para ilustração deste ensaio comentaremos o primeiro conto intitulado *Herança*. Seu primeiro ponto positivo é o fato de ser curto, como Seixas (2019) aponta, raramente os textos são distribuídos ao grupo, normalmente prezando-se pela leitura em voz alta de uma das



pessoas para o grupo todo, como forma de quebrar a timidez entre os participantes e de ir incentivando a escuta ativa entre todos.

No conto, somos apresentados ao relato do narrador de seu avô, que embora possua as características físicas de um idoso gentil e carismático, “[...] olinhos azuis, cabelo todo branquinho, é gorducho e caminha pulando” (Motta, 2020, p. 13); na visão do narrador, possui um caráter questionável, que de forma sádica busca espezinhar todos os membros da família de forma sistemática, executando agressões físicas e verbais, nas palavras do narrador: “Meu avô consegue azedar qualquer reunião familiar. Ele começa discussão, ofende. Zomba, mágoa. A todos” (Motta, 2020, p. 13). Esse comportamento segue até que o idoso é encontrado morto em um almoço de Natal, esfaqueado com a faca de cortar o peru, e o final da narrativa deixa dúvida a participação de um familiar, ou de todos, no assassinato.

Um encontro de biblioterapia ocorre de certa forma imprevisível, pois como o diálogo dos participantes é que dita os rumos tomados, podemos apenas fazer possíveis conjecturas a partir de um cenário que poderíamos alcançar com esse conto. Inicialmente, ele permite a abordagem mais óbvia, que seria a de analisar as relações familiares dos participantes, pois encontros familiares de modo geral podem ser uma questão para muitos. O conto permite que ocorra a identificação entre o narrador e sua relação com um familiar que, em todo encontro, procura sabotar a comunhão através de comentários ácidos, principalmente quando o alvo de seus comentários foge do padrão e faz parte de alguma minoria. O idoso de figura simpática age de forma violenta com a esposa, criou os filhos através de agressões físicas e trata os netos com desprezo, conforme o narrador aponta: “Me chama de Breno e meu nome é Bruno. A Carla ele apelidou de *Saco de Banha!*. [...] Meus primos gêmeos ele chama de “os dois” e outro primo, o Gil, de “o menino”. A minha prima Cássia, eita! Essa ele ignora, tem tatuagens e piercings, para ele não existe (Motta, 2020, p. 14)”.

Poderíamos dizer até que o final alcançado no conto poderia ser de certa forma satisfatória para alguns participantes, não no sentido de introjeção dos atos violentos, mas de uma expiação dessa frustração e do sentimento de “justiça pelas próprias mãos” que o conto traz, sentimentos esses que seriam experimentados num ambiente seguro, que é o construído no espaço narrativo literário, ponto que poderia nos levar a discutir sobre quais atos podemos tomar diante desse tipo de situação, que atitudes são aceitáveis, quais são condenáveis. O conto dá margem até mesmo para dialogar



sobre a obrigatoriedade de se atender aos encontros familiares, principalmente em seios familiares que não são saudáveis para os sujeitos, o texto poderá auxiliar na reflexão que em muitos momentos e encontros familiares agimos como se não fosse possível escolher entre estar presente ou não, tal texto nos abre os olhos para o fato de que, como em quase tudo na vida, há uma escolha e nossas emoções serão melhores equilibradas se estivermos cientes da escolha que estivermos tomando.

Outro ponto de reflexão que o texto nos deixa explorar é aquele que abre e fecha a narrativa, contidos em seu título *Herança* e sua frase final: “E a maldade da minha família que era só do velho, agora está em todos nós” (Motta, 2020, p. 15). Quais são as heranças que nos deixaram e quais pretendemos deixar para os nossos? Através da introspecção proporcionada pelo texto e do diálogo derivado dele, abre-se margem para a quebra de possíveis ciclos que os sujeitos possam identificar em suas vivências, bem como nos conduz a refletir sobre aquilo que podemos passar a adotar de forma atitudinal em nosso comportamento que poderíamos fomentar naqueles que convivem conosco.

Porém, os pontos aqui levantados servem apenas como sugestões de planejamento, principalmente se diante de um grupo mais tímido, pois conforme os autores apontam, o encontro de biblioterapia é sobretudo o comprometimento com a intenção de ouvir o outro e de falar com ele, permitindo que o diálogo seja o principal resultado do encontro, bem como o vento que apontará o destino para o qual o encontro irá.

REFERÊNCIAS

BORGES, Jorge Luis. arte poética. In: BORGES, Jorge Luis. **O fazedor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.149-152.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis (SC), v. 6, n. 12, p. 32–44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>. Acesso em: 05 fev. 2023.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e Terapia**. 2009. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92575>. Acesso em: 10 mar. 2024.



CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Todavia, 2023. p. 183-208.

DUARTE, Evandro Jair; VIANNA, William Barbosa; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia e Teoria do Efeito Estético: diálogos interdisciplinares. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 15–43, 2018. Disponível em: <https://pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/41365>. Acesso em: 2 fev. 2023.

DUARTE, Evandro Jair. **Efeito estético na biblioterapia**: vivências na Oficina Literária Boca de Leão. 2023. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/251798>. Acesso em: 12 mar. 2024.

ENDE, Michael. **A história sem fim**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação: uma entrevista com Jorge Larrosa. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos I**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 129-158.

MOTTA, Alê. **Velhos**. São Paulo: Reformatório, 2020.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**. São Paulo: Editora 34, 2020.

RANGANATHAN, Shyali Ramamrita. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet de lemos, 2009.

SEIXAS, Cristiane. **Vivências em biblioterapia**: práticas do cuidado através da literatura. Niterói: Cândido, 2019.

